

PEQUENO PALCO

CONVERSA INFORMAL COM FRANCISCO D'OREY

O PANORAMA MUSICAL SOFRE DE IMENSAS INOPERÂNCIAS

Francisco d'Orey, músico e assistente musical da R. T. P., veio ao Porto integrado numa brigada de exterior que transpôs para o «video» um dos maiores acontecimentos musicais da presente temporada — a execução da Nona Sinfonia de Beethoven — com a qual se fechou a comemoração do bicentenário do grande compositor.

Conversa - entrevista informal, ocorrida em plena rua e junto a um dos carros de controlo e depois diante de duas «bicas», num café das imediações. Falou-se, necessariamente, de música. Música na generalidade, desde a sinfónica à ligeira.

Porquê, como, quais os meios, o método e perspectivas que actualmente se possuem para interessar a massa (o público está mais ou menos distanciado das formas mais válidas desta Arte) e divulgar a que é communmente chamada de «séria»?

— O problema não é só nosso, mas aqui o panorama musical sofre de imensas inoperâncias, desleixos e falta de interesse. No que nos diz respeito, posso dizer-lhe que é um problema de base, ou seja, é necessário criar-se uma estrutura. Desde a entrada das crianças para a vida escolar que se lhes deveria ensinar música. Deveria ser acompanhada ao longo da sua vida escolar por um ensino didáctico-musical, atraente e formativo, que progressivamente lhe possibilitasse um apuro auditivo e mesmo lhe despertasse a vocação. Formavam-se não só auditores como futuros musicólogos, executantes e criadores. Outra ideia, que já não é nova nem própria, e que se poderia concretizar seria a da formação de uma orquestra itinerante, que percorresse as áreas rurais e as cidades de província. Esses concertos, ou audições, teriam que ser feitas em moldes não formais. Explicar, demonstrar, procurar o diálogo e cativar os assistentes. Em suma, criar um clima de penetração e comunicação. Depois viria todo o ciclo de divulgação conhecido e que de facto

sica ligeira foi totalmente alienatória. Cantava-se sempre o mesmo com poucas variantes. Buscava-se falso folclore. Porém, o aparecimento dos baladeiros, como sucedâneo nacional do estilo que lançou Dylan, Donovan e outros deu um im-

ja nos antípodas da coisa musical ou tenha determinado preconceito. Jazz é uma forma muito séria de música. Tem riqueza de motivos e o executante tem grande liberdade de criação. É ali que o músico encontra mais liberdade, mas, pressupõe-se logicamente responsabilidade. Não se toca ao acaso, mas com raciocínio, com intuição. Subsistem na mente das pessoas certas ideias falsas e destituídas de fundamento. Mas, veja bem, o jazz que normalmente se ouve é o sintético, o puramente comercial à base de frenesim e estridência. Claro está que esse é simplesmente negativo.



pulso e trouxe horizontes novos. A prová-lo está o esforço de alguns «tradicionais» cantantes da banalidade em adaptar-se a novas formas. Dos baladeiros há que distinguir os verdadeiros, caso de Afonso, Correia de Oliveira e Freire, entre outros, dos que pegam a balada como veículo publicitário. Crê que hoje se está procurando conteúdo e não modinha. A qualidade musical e de poema-letra está ganhando favores entre o público.

Jazz. Para a maioria (não identificada com esse tipo) trata-se de mera estridência, pechisbeque, sensibilidade ventral.

— Só será isso para quem este-

Finalmente, falou do actual panorama da música no nosso país. Regista-se, segundo o parecer do entrevistado, um interesse por parte da juventude por esta Arte. O trabalho que pessoas responsáveis têm tido é altamente frutuoso. A ópera, reservada em tempos a uma elite muito seleccionada, está penetrando na grande massa. Surge uma nova dimensão. Paralelamente assiste-se à curiosidade popular pela verdadeira música, aquela que, entenda-se, é linguagem, comunicação; seja qual for o seu género, desde que possua qualidade, pureza e autenticidade.

JORGE CORDEIRO

PALAVRA CRUZA

PROBLEMA N

HORIZONTAIS —
1 — untar; 2 — ú
plica; 3 — governo a
eleva; 4 — repetição dum
romã; 5 — símbo
apressa; 6 — patrão
partia; 7 — pecuniá
tremor de; 8 — serr
9 — prejuízo; 10 — s
de qualidade; 11 — r
dade.

VERTICAIS —
2 — exclusiva; par
3 — peça de vestuár
tempo; 4 — largos; 5
6 — instrumento par
redondos; 8 — filtra;
aspecto; denso (pl.);
rias; membro de ave.

		1	2	3	4	5	6
1		U		R			E
2	U					N	
3		I					I
4	I		A			E	
5		A					E
6							
7	I						
8			B				
9	D		N		S		
10							

SOLUÇÃO DO PI ANTERIOR

HORIZONTAIS —
1 — dade; 2 — imitativo; 3
4 — agilidades; 5 —
6 — irai; ru; 7 — di
art; ao; ia; 9 — et; ar;
ciais.

VERTICAIS — 1 —
2 — mu; serir; 3 — mít
atalaia; 18; 5 — na; ir;
Dario; 7 — dita; ut; a
da; etra; 9 — dotes; 10 —

COMISSÃO TÉ DA UNIÃO EUR DE RADIODIF

Na próxima semana da a sábado, decorrer de Golfe da Penina, de Alvor, no Algarve, não da Comissão União Europeia de são, na qual particip gentantes de 28 organi dio e televisão, de 24 p sentantes, das adminis C.T.T. da Alemanha, gllaterra, Suíça e Port da, observadores de a zações internacionais âmbito das telecomunic A reunião, que me

Afirmámos nós o que a Cor-
tuguesa ^{teve} ^{feito} ^{trabalho}
Ninguém duvida do valioso contri-
buto que tem dado à música. Mas
o nosso interlocutor informou-nos
que, na medida do possível, esse
âmbito será alargado. Referiram-se
nomes e programas. O seu impacto
sobre o público.

O tópico seguinte foi a música
coral. Neste aspecto, ou melhor
nesta função, Francisco d'Orey tem
tido uma larga actividade chegando
mesmo a desdobrar-se.

— ...a música coral é um factor
muito importante. Nos povos mais
evoluídos há uma verdadeira explo-
são de coros. Esta modalidade é
eminentemente social. Nós, de ca-
rácter muito individualista, estamos
um pouco atrasados. Não porque a
formação de um coro seja coisa
transcendente. O que é preciso é
que as pessoas apareçam com von-
tade de cantar. Nestes últimos anos,
tem havido um certo interesse e
movimento. E creio que nos próxi-
mos anos teremos bons grupos co-
rais.

Música ligeira. Baladeiros. Binó-
mio cançonetista-baladeiro. Estará
em progresso a nossa música ligei-
ra? Haverá certa e determinada es-
peculação sobre a balada?

Para Francisco d'Orey, durante
muitos (longos) anos, a nossa mú-